

CULTURA BRASILEIRA, UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA

Roque de Barros Laraia*

RESUMO. Muitos autores utilizaram o conceito de cultura brasileira com um significado próximo do germânico Kultur, que pode ser confundido com erudição. O que se quer mostrar é que o conceito antropológico de cultura brasileira tem um significado muito amplo, não se restringindo "às grandes conquistas do espírito humano". Autores como Gilberto Freyre e Mário de Andrade foram pioneiros na utilização de uma abordagem antropológica. Finalmente, é feito um levantamento das obras modernas produzidas pela Antropologia no Brasil, obras estas capazes de identificar os aspectos mais ocultos da cultura brasileira, invisíveis para aqueles que insistem em confundir cultura com erudição.

Em um outro trabalho' mostramos a dificuldade da adjetivação do conceito de cultura e discutimos como vários autores utilizam o conceito de "cultura brasileira", quando enveredam pela busca da compreensão da consciência nacional, do caráter nacional e até mesmo da identidade nacional. A principal dificuldade encontrada foi de ordem conceitual: a maioria dos autores analisados foi mais influenciada pelo conceito de *kultur* germânico, que se refere a toda grande produção do espírito humano, o que em outras palavras pode ser confundido com erudição, deprezando o conceito de *culture*, elaborado por Tylor, que abrange tudo aquilo que o homem faz como membro de uma dada sociedade e que depende de uma forma qualquer de aprendizado. O conceito de Edward Tylor, formulado em 1871 em seu *Primitive culture* é o ponto de partida para todas as numerosas formulações do conceito de cultura realizadas pelos antropólogos do século XX.

Mostramos no trabalho citado que autores importantes não utilizaram o conceito de cultura brasileira, segundo uma abordagem antropológica. Assim é que Alberto Torres, em seu livro *O problema nacional brasileiro*, (Torres, 1941, 38) chegou a afirmar que "nunca chegamos a possuir uma cultura própria, nem mesmo

Roque de Barros Laraia é professor do Departamento de Antropologia da Univesidade de Brasília.

Sociedade e Estado, vol. VIII, n^o 1 e 2/1994.

uma cultura geral". Ou então: "Tal tem sido o nosso nível de preparo mental até hoje. Nós temos ilustração: não temos cultura" (220). Sem conseguir se libertar do pressuposto que cultura significa erudição, passou a buscar uma definição do caráter nacional e a partir daí foi facilmente dominado por generalizações tão comuns aos autores que adotam esta abordagem. O brasileiro, diz ele, "é sensível, generoso, nobre, hospitaleiro, probo e trabalhador". Apesar de todos estes equívocos, o livro de Torres nos parece surpreendentemente atual quando afirma que o modo de pensar dominante leva o nosso povo "a transformar o desânimo em descrença da raça e da pátria e adotar por credo a forma negativa de virtude e do patriotismo que consiste em exagerar e proclamar os nossos defeitos, os nossos vícios, a nossa corrupção e a nossa ignorância" (123). Poderíamos citar outros trechos que mostram a atualidade de seu livro, mas terminamos com a citação da página 181: "Atravessamos neste momento a crise mais séria de nossa história".

Um outro autor criticado por nós foi Fernando de Azevedo que, apesar de ter tido acesso às obras antropológicas da primeira metade do século, continuou com uma definição de cultura muito semelhante à de Alberto Tones: "Entendemos por cultura... esse estado moral intelectual e artístico, em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes". A sua idéia de cultura, como forma de erudição, fica bem evidente na análise do conteúdo de seu livro *A cultura brasileira*, publicado em 1943. Os títulos de seus capítulos são bastante elucidativos: "A vida intelectual"; "A vida literária"; "A cultura científica"; "A cultura artística", etc.

Carlos Guilherme Mota, ao se referir ao I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em janeiro de 1945, no Teatro Municipal de São Paulo, mostra o surgimento de uma preocupação com a tese da "democratização da cultura", tema este que vai perdurar por mais de vinte anos. Tanto é que Florestan Fernandes, em seu discurso aos graduandos de 1964, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, referindo-se à necessidade de fortalecimento da ordem social democrática, atribui ao intelectual a função de "operar como agente humano da democratização da cultura, hoje mera entidade abstrata e verbalizada nas intenções dos mais avançados!".

Ora, o que necessita ser democratizado é algo que está monopolizado, que é privilégio de uma minoria em detrimento de uma maioria. Assim, mais uma vez, vemos que o significado de cultura adotado é o de *kultur*, acessível para poucos, mas que deve ser partilhado por muitos. Debaixo de uma aparente generosidade, esconde-se o fato grave da negação da existência de uma cultura entre as camadas mais desprivilegiadas.

Esta situação perdurou até os nossos dias. Na ocasião do surgimento do Ministério da Cultura, a Associação Brasileira de Antropologia enviou ao primeiro titular da pasta um documento no qual sugeria diretrizes para atuação em relação à cultura brasileira. Essas sugestões mostravam como o Ministério poderia contribuir para o sucesso de programas realizados por outros ministérios, principalmente nas áreas de habitação e saúde. O documento foi engavetado e nós tivemos uma

sucessão de ministros que insistem em confundir cultura com música, pintura , teatro, etc... Não resta dúvida que a maior aproximação do Ministério com cultura brasileira foi a teoria da broa de milho!

Pelo que afirmamos até o momento, pode parecer que não existem autores que utilizaram o conceito segundo uma abordagem verdadeiramente antropológica. Felizmente, isto não é verdade. Podemos, então, citar esses outros autores.

Gilberto Freyre, aluno de Franz Boas, teve, mais do que qualquer outro brasileiro de sua época, acesso à teoria antropológica sobre cultura. Com Boas, conforme nos informa em seu prefácio da primeira edição de *Casa grande & senzala*, aprendeu a

"considerar fundamental a diferença entre raça e cultura: a discriminar entre os efeitos das relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio".

(Freyre, 1963).

Muito já foi dito sobre a obra de Gilberto Freyre, por isto não vamos repetir aqui as críticas que lhe foram feitas, como a sua busca de um modelo de cultura brasileira, por meio do estudo de um segmento dominante de uma região. Queremos mostrar é que Freyre foi um pioneiro na utilização antropológica do conceito. Em *Casa grande & senzala*, o termo *kultur* perde espaço para a descrição e análise do comportamento trivial, até mesmo rasteiro. Cultura deixa de ser erudição exclusivamente e passa a ser a maneira de cozinhar, de fazer sexo, de judiar, de se vestir.

"É dentro da casa" - diz ele ■ "na hora da modorra, é que os homens, mulheres e meninos desferravam-se dos excessos europeus de vestiários. Os meninos andando nus ou de sunga-nenê. Os grandes de chinelos, sem meia, de pés descalços; os senhores de engenho, de chambre de chita por cima das ceroulas; as mulheres de cabeção" (413).

Por intermédio de *Casa grande & senzala* podemos vislumbrar um fragmento daquilo que chamamos cultura brasileira, que não pode ficar limitada aos nobres salões da casa grande. Daí a importância da cozinha, da senzala, dos sobrados e dos mocambos.

Dentre os pioneiros, encontramos também Mário de Andrade, apesar de toda a contradição que encontramos em sua obra. Existe um Mário de Andrade que busca o caráter e a consciência nacional, que faz afirmações tão disparatadas como "o brasileiro não tem caráter porque não possui uma civilização própria nem consciência tradicional", ou quando aceita estereotipações usuais que o levam a considerar como traços marcantes da personalidade brasileira a "indolência, a sensualidade, a preferência pelo sonho, a observação melancólica da realidade, a malícia e a agilidade de raciocínio quando em perigo, a capacidade para mentira". Enfim, um brasileiro que é o próprio Macunaima, o índio que é negro e se toma

branco por meio da água purificadora do batismo. Mas existe um outro Mário de Andrade, capaz de produzir um texto verdadeiramente etnográfico, como *O turista aprendiz*, onde capta as coisas aparentemente simples, mas que juntas constituem o todo de nossa cultura. É o caldo-de-cana, os sorvetes coloridos de Belém, o repicar da viola, a semostração da carioca, o bumba-meu-boi, etc. A cultura brasileira como reinvenção dos traços europeus. Um sistema dinâmico e não apenas a herança estática de diferentes tradições. Os elementos herdados são apropriados, e numa rica forma de bricolagem, reinterpretados, reorganizados, como nos mostra Da Matta:

"No campo religioso conseguimos criar religiões intersticiais, como a umbanda, religiões sincréticas, isto é, fundadas em elementos compostos e tirados de outros credos, tudo isto neste jogo de ideologias que se nutrem do ambíguo e da conciliação abrangente que evita a todo custo o conflito e o confronto".

A antropologia brasileira, como todos sabem, cresceu a partir dos trabalhos de campo realizados junto às nossas numerosas sociedades indígenas. Nesses trabalhos, os antropólogos adquiriram a experiência da utilização do conceito de cultura. Experiência esta que foi facilmente obtida, pois não existia dificuldade em identificar os traços culturais de sociedades tão diferentes. O observador naturalmente guardava uma grande distância do seu objeto de estudo. A dificuldade surge quando o familiar e o exótico podem ser confundidos em um só objeto. Quando é necessário fugir da armadilha de classificar como "sobrevivência cultural" ou como *folklore* procedimentos que são de fato traços marcantes de nossa cultura. Foi somente a partir da década de 1970 que os antropólogos começaram a se interessar, no Brasil, por outros objetos de estudos, diferentes daqueles outros tradicionalmente priorizados pela antropologia. Foi um momento marcado por muitas críticas e por uma preocupação demasiada na justificativa da escolha do objeto. Foi nesse momento que se chegou a dizer que os antropólogos tinham assumido a tarefa de estudar o "lixo da nossa sociedade". E o que era este lixo? Eram ritos sociais, costumes, crenças, opções existenciais, que tinham sido desprezados como objetos de estudo, até então, pelas Ciências Sociais e até mesmo pela própria antropologia. O que se verificaria depois, como pretendemos demonstrar neste texto, é que muitos dos novos objetos estudados eram tão importantes para a compreensão da sociedade brasileira que é difícil entender porque foram relegados por tanto tempo.

Nesta mudança da definição de objeto, Roberto Da Matta foi o pioneiro. Na década de 1960, foi um etnólogo competente e participou ativamente de um dos projetos mais importantes da etnologia brasileira. O estudo dos Jê do Brasil central, por meio de um convênio entre o Museu Nacional e a *Harvard University*. Em decorrência desta pesquisa escreveu o livro *Um mundo dividido - a estrutura social dos índios Apinayé*, considerado uma das mais importantes monografias de nossa Etnologia. Nos anos 1970, entretanto, Da Matta volta a sua atenção para aspectos

da sociedade nacional, publicando em seu livro *Ensaio de antropologia estrutural* o artigo "O carnaval como rito de passagem". É o primeiro passo, seguido imediatamente por outros, no estudo de aspectos de nossa cultura. Em uma conferência magistral, intitulada *Sociologia da saudade*, realizada durante a 18^a Reunião Brasileira de Antropologia, em abril de 1992, Roberto Da Matta explicou esta mudança de objeto etnográfico. Ela foi decorrente do "fracasso" de estudos com as sociedades tribais e esclareceu:

"Por que fracasso? Porque entre os índios logo senti a barreira intransponível que me separava deles. Não que alguém não possa satisfatoriamente superar a barreira e satisfazer-se plenamente com suas experiências no mundo tribal. Não. O fulcro de minha insatisfação parecia ser outro porque sempre tive a pretensão de juntar cabeça com coração. Algo que meus estudos indígenas jamais me permitiram realizar. Mas que minhas investigações posteriores, quando comecei a estudar o Brasil, recompensaram plenamente".

O passo inicial dado por Da Matta estimulou muitos jovens antropólogos a buscarem os seus objetos de estudos bem junto de si mesmos, sem ter em que realizar o longo deslocamento tanto espacial como cultural que caracterizava a antropologia tradicional, cujos informantes preferenciais só podiam ser encontrados no interior das florestas ou espalhados pelo nosso mundo agrário. A partir de então tomou-se possível eleger como objeto de estudo aspectos de nossa cultura que, por estarem tão próximos, sempre foram difíceis de serem focalizados.

O carnaval, este grande rito social que tem a capacidade de mobilização popular maior do que qualquer partido político ou religião, passou a ser um tema preferido de estudos. Maria Julia Goldwasser, em seu livro *O palácio do samba*, mostra muito bem como as funções da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira extrapolam os objetivos centrais da mesma, que é de colocar a escola na avenida. Durante todo o ano, a Mangueira funciona como uma grande sociedade de auxílio mútuo, mas é a "ideologia do samba" que reforça os laços de solidariedade entre os seus componentes.

O futebol, principal esporte do país, deixou de ser visto como o "ópio do povo" para se transformar em objeto de estudo. Simoni Lahud Guedes e Ricardo Augusto Benzaquem de Araujo o tomaram como tema de suas dissertações de mestrado.

Sandra Maria Correa de Sá Carneiro mostrou por intermédio de seu livro *Balão no céu, alegria na terra*, (1986), que atrás de cada balão que sobe no Rio de Janeiro, desafiando as posturas municipais que proíbem essas perigosas manifestações culturais, existe todo um mundo organizado e complexo, mobilizado por meio de uma ação solidária, que permeia várias classes sociais, com o objetivo de manter viva uma "arte popular", que levou um baloeiro a fazer a seguinte trova:

*Fazer balão é ciência,
Soltar é sabedoria.
Vê-lo bailando no espaço,
É que nos dá alegria.*

Práticas alternativas ou sistemas de crenças heterodoxas atraíram a atenção dos antropólogos. Assim, Luis Rodolfo de Paixão Vilhena fez uma análise antropológica da astrologia, um sistema de crença com pretensão a ciência, de grande divulgação em nossos meios de comunicação. Bárbara Musumeci Soares estudou a homeopatia e José Fonseca Ferreira Neto preocupou-se com os ufologistas.

A novela de televisão, este folhetim do século XX, foi objeto de estudo de vários antropólogos. Ondina Fachel Leal, em *A leitura social das novelas das oito*, (1986), compara a leitura da novela *Sol de verão* por expectadores de duas camadas sociais diferentes, concluindo que a interpretação dos significados depende basicamente da experiência das pessoas, de suas histórias e projetos de vida e das muitas mediações sociais que empregam em seu cotidiano. *Mulher de novela e mulher de verdade* foi o título da dissertação de Rosane Manhães Prado. E gostaria de registrar aqui o trabalho de dissertação, em nível de graduação, de um nosso estudante, Márcio Caniello, que analisou os aspectos simbólicos da novela *Partido alto*, inaugurando uma técnica de observação que foi jocosamente denominada de etnografia do sofá, ou seja, o antropólogo e o seu objeto de estudo reunidos na própria sala de visita.

Finalmente, foi possível perceber que o mundo dos desviantes faz parte de nossa cultura brasileira, criando formas novas de inter-relacionamento e de interpretação da realidade social. Entre as muitas formas de desvios sociais, algumas delas foram objeto de estudos dos antropólogos. E exemplar o trabalho de Gilberto Velho, comparando dois segmentos etários da alta classe média carioca, que têm em comum o fato de serem viciados em drogas. São eles *Os nobres e os anjos* (e este é o título de sua tese de doutoramento). Os primeiros constituídos por pessoas de mais de trinta anos, possuidores de um diploma de nível superior, viciados em cocaína, e que apresentam um ambicioso projeto de vida, geralmente no campo da arte ou da literatura, o que lhes assegura um forte apoio familiar. Os segundos são *teenagers*, geralmente mal-sucedidos no ensino fundamental, viciados em maconha, adeptos do *surf*, que se comunicam entre si usando um fraco vocabulário que necessita de uma complementação por meio expressão corporal. Em muitos casos, os informantes são irmãos mais novos dos "nobres". São denominados "anjos" porque, ao contrário da juventude transviada dos anos 1950, detestam qualquer forma de violência. Têm a reprovação da família, que muitas vezes os reprimem de formas drásticas.

O mundo das "garotas de programas", uma nova forma de prostituição, foi investigado por Maria Dulce Gaspar. É possível fazer um contraponto entre este trabalho e o de Carlos Versiani dos Anjos Jr. que estudou a forma tradicional de prostituição, realizada no baixo meretrício. Homossexualismo foi o tema de vários

autores. Destacamos aqui os trabalhos de Peter Fry e Luiz Mott. Todos estes trabalhos têm em comum uma abordagem antropológica, interessada em conhecer novas representações da realidade social e fugindo das análises de patologia social, que de fato nunca fizeram parte do domínio de nossa disciplina.

Para terminar esta amostragem dos trabalhos antropológicos que se diferenciam dos realizados pela antropologia tradicional, no que se refere à escolha do objeto, nada melhor que o recém-lançado livro de Livia Barbosa, *O jeitinho brasileiro, a arte de ser mais igual que os outros*, (1992), em que a autora pesquisa a nossa conhecida prática de pedir "por favor, vê se dá um jeitinho" e a compara às situações conjunturais que levam à formulação deste pedido com a que ocorre em outros sistemas culturais. Um ponto forte de seu livro é o capítulo *O jeitinho e o Você sabe com quem está falando? uma comparação entre dois dramas sociais*, mostrando que a primeira fórmula é uma maneira de fazer uso da barganha e da argumentação, enquanto a segunda reflete o exercício da autoridade e do poder. E o mais interessante é que a mesma pessoa, utilizando do jeitinho, parte do pressuposto da igualdade entre os interlocutores, o que nega - reforçando o pressuposto das desigualdades sociais - quando utiliza da expressão autoritária: "Você sabe com quem está falando? Roberto Da Matta, no seu artigo cujo título é esta última expressão, analisou um rito autoritário que somente pode ser utilizado quando o ator está numa situação de poder. Livia Barbosa, orientanda de Da Matta, estudou exatamente o ritual oposto em que se busca o estabelecimento de relações positivas, ao mesmo tempo que se procura contornar a impessoalidade das leis e das instituições. Em um momento que se fala tanto em modernidade, este é um rito da nossa sociedade que deve ser estudado, exatamente porque, como afirma a autora, faz parte de nossa tradição cultural querermos ser "mais iguais que os outros".

Os trabalhos acima mencionados mostram que a Antropologia adotou um conceito de cultura mais abrangente, que inclui idéias, atitudes, atos e objetos.² Desta forma todos os membros da humanidade são seus atores, independentemente de classe ou de raça. Ao definir como objetos de seus estudos todos os tipos de ação humana, que dependem de aprendizado e que estão correlacionados com o pertencimento a uma dada sociedade, a Antropologia atribuiu a si mesma uma tarefa sem fim.

NOTAS

1 - Vide *Cultura brasileira* in Série Antropologia, n^o 88, Fundação Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

2 - cf. Leslie White e Beth Dillingham, *The Concept of Culture*, Burgess Pub. Co., Minneapolis, 1973, 31.

RÉSUMÉ

Plusieurs auteurs ont utilisé le concept de *culture brésilienne* avec une signification proche du concept allemand de *Kultur* qui peut être confondu avec érudition. Ce qu'on voudrait montrer dans cet article est que le concept anthropologique de culture brésilienne possède une signification beaucoup plus vaste que "les grandes conquêtes de l'esprit humain". Gilberto Freyre et Mário de Andrade ont été les pionniers à mettre en oeuvre une approche anthropologique. Finalement, ont mène une enquête sur les ouvrages modernes publiés au Brésil, dans le domaine de l'Anthropologie, ouvrages qui révèlent des aspects cachés de la culture brésilienne, invisibles pour ceux qui insistent à confondre culture et érudition.

ABSTRACT

Many authors have used the concept of *Brazilian culture* with a meaning closer to the German *kultur* which can be confused with erudition. What it is aimed to show is that the anthropological concept of Brazilian culture has a wider meaning, not limited to "great achievements of the human spirit". Such authors as Gilberto Freyre and Mario de Andrade have been pointed out as forerunners in using an anthropological approach. Finally, a survey of modern works in Brazilian anthropology is carried out, capable of identifying even the most hidden aspects of Brazilian culture which are invisible to those who insist on confusing culture with erudition.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Duas Cidades, São Paulo, 1976
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1943.
- BARBOSA, Lívia. *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. Campus, Rio de Janeiro, 1992.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Vozes, Petrópolis, 1981.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. EdUnB, Brasília, 1963.
- GOLDWASSER, Mária Júlia. *O palácio do samba*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.
- LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Vozes, Petrópolis, 1986.

SÁ CARNEIRO, Sandra Maria de. *Balão no céu, alegria na terra*. FUNARTE/ Instituto Nacional de Folclore, Rio de Janeiro, 1986.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1941.

(RECEBIDO PARA PUBLICAÇÃO EM OUTUBRO DE 1992)